

PLATÃO¹

Anderson de Paula Borges (UGF)²

Ander.borg@gmail.com

BENSON, HUGH H. (ED.) ET AL. *PLATÃO*. TRADUÇÃO DE MARCO ZINGANO. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2011, R\$ 80,00, ISBN-10 8536323914³.

O público brasileiro, interessado no estudo de Platão, que queira consultar uma introdução de primeira linha conta com mais um título no mercado nacional. O professor Marco Zingano (e a editora Artmed) nos prestou um ótimo serviço ao traduzir o volume dedicado a Platão, o (37º) da coleção *Blackwell Companions to Philosophy*. O livro foi lançado em 2006 sob o título *A Companion to Plato*, com edição de Hugh H. Benson. Trata-se de um guia atualizado e abrangente na abordagem dos problemas investigados pelos estudiosos do platonismo. O roteiro de temas e o método de análise empregado vêm sendo firmados há cerca de 60 anos por meio de uma produção intensa de livros e artigos no cenário da *ancient philosophy*. O guia de Benson sintetiza esse trabalho em 29 ensaios inéditos produzidos por 30 especialistas em filosofia antiga.

¹ Recebida: 01.02.2011/Aprovada: 25.02.2011/Publicado on-line: 13.03.2011.

² Anderson de Paula Borges é Professor-adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás.

³ Tradução feita a partir do original: "A Companion do Plato", publicado pela Blackwell e organizado Hugh H. Benson.

Antes de comentar o conteúdo de alguns capítulos, quero enfatizar a linha editorial adotada. O volume se distingue de outros guias similares como o *The Oxford Handbook of Platonism*, editado por Gail Fine em 2008 e o *The Cambridge Companion to Plato*, editado por Richard Kraut em 1992. O guia de Fine apresenta seus artigos em dois níveis que se complementam: uma parte dos capítulos explora tópicos filosóficos na economia interna do platonismo e outra parte examina a estrutura de alguns diálogos. O volume da coleção *Cambridge Companions*, por seu lado, traz artigos sobre temas específicos, num projeto que privilegia a abordagem do autor do ensaio. O resultado é útil pela qualidade do time de ensaístas, mas certas lacunas ficaram evidentes. Sente-se a necessidade de um tratamento mais profundo da epistemologia do *Fédon*, da *República* e do *Teeteto*. Falta também um conjunto de ensaios sobre alguns diálogos centrais. No projeto de Benson, por outro lado, optou-se por dar a cada colaborador um formato exíguo nos capítulos, permitindo explorar um domínio bem mais extenso. Quem desejar garimpar os tópicos nos diálogos terá muitas opções no índice remissivo. No prefácio Benson anuncia seu critério editorial: selecionar os temas por sua relevância “filosófica em oposição à relevância histórica” (p. X).

Um aspecto menos virtuoso do conjunto é a opção por especialistas do circuito anglo-saxão. Com exceção das edições críticas consultadas e de alguns títulos de alemães e franceses nas indicações de literatura secundária, o corpo dos ensaios pode induzir o leitor a pensar que a pesquisa de ponta no platonismo está toda concentrada nos Estados Unidos e na Inglaterra, o que é enganador. Itália, França e Alemanha possuem expoentes na atual indústria do comen-

tário em filosofia antiga. Mais recentemente, alguns países da América do Sul, entre eles o Brasil, estão se destacando pela qualidade de seus pesquisadores na área. É interessante comparar com a edição, um pouco mais “democrática” no convite aos *scholars*, de Sara Ahbel-Rappe e Rachana Kamtekar no *A Companion to Socrates*, também da coleção *Blackwell Companions*.

A seguir vou enfatizar alguns recursos e argumentos dos primeiros ensaios, sem pretender, obviamente, uma análise mais profunda. Minha intenção é temperar o interesse do leitor e induzi-lo à leitura, destes que destaco, bem como dos que não poderei mencionar devido aos limites dessa resenha.

Após um breve prefácio no qual o editor explica sua estratégia na concepção do livro, três ensaios abrem o volume: “A vida de Platão de Atenas”, de D. Nails, “Interpretando Platão”, de C. Rowe e “O problema socrático”, de W. Prior. Nails sintetiza com habilidade traços da biografia de Platão, como a ambientação aristocrática, os irmãos, a vida política e os acontecimentos históricos que marcaram Atenas na primeira parte da vida do filósofo. Destaca-se a opção por atrelar tais aspectos a algumas obras, como *Eutidemo* e Carta VII, certamente uma estratégia segura para dar consistência ao cruzamento entre os acontecimentos da vida de Platão e a rica ambientação dramática que caracteriza sua produção filosófica. Rowe, com sua prosa sempre de alto nível, reúne em poucas linhas a defesa de um socratismo que permearia toda a obra de Platão. Ele firma aí uma posição moderada, se a comparamos com o extremismo das tendências desenvolvimentista e unitária. Já o ensaio de Prior pode parecer deslocado no lugar onde está, a apresentação do livro, mas não é um deslize. Como argumentou

Rowe no capítulo anterior, tendemos a ver isso como um efeito do fato de que a obra platônica, em linhas gerais, não se afasta do programa filosófico socrático, nem mesmo na chamada fase “madura”.

Depois dessa abertura, o livro se divide em seis partes apresentando oito tópicos do platonismo: *método*, *epistemologia*, *metafísica*, *psicologia*, *ética*, *política*, *estética* e *legado*. O *método e a forma do diálogo* são tratados pelos ensaios “A forma e os diálogos platônicos”, de M. M. McCabe, “O *Elenchus* Socrático”, de C. Yang, “Definições platônicas e formas”, de R. M. Dancy e “o método da dialética platônica”, do editor. McCabe examina o gênero adotado pelo filósofo e identifica fases de maior e menor presença da forma “diálogo”. Ela especula que Platão pode ter sido inspirado pela própria evolução da prosa grega que, apesar de ter culminado num material de tipo argumentativo, não se desvencilhou do apreço dos gregos pelo teatro. A proposta da autora é problematizar esse quadro com a complexa trama dos diálogos. Enquanto “encartados” no quadro, os diálogos não se permitem uma interpretação simplista nos moldes da que os vê, fundamentalmente, como reprodução de um método, proposto por Sócrates, de fazer filosofia.

O ensaio de Charles Young examina o *elenchus*. É um capítulo com duas qualidades muito úteis: explícita com fôlego as principais passagens onde o *elenchus* está em ação no *corpus* e avalia criticamente a clássica tese de Vlastos sobre os dois tipos de *elenchus*. Já o artigo de Dancy persegue a ideia de “definição” em textos como *Carmides*, *Eutifron*, *Hípias Maior*, *Laques*, *Lisis*, *Protágoras* e *República I*. Seu estilo é árido. O uso de acrônimos, recurso que Jonathan Barnes chamou de “SSPCU style” (in: *Philosophy and Phenomenologi-*

cal Research, vol. 56, 1996, p. 489-491) e de símbolos da lógica moderna obrigam o leitor não-especialista a retomar certos parágrafos no curso da leitura. Esse detalhe não atenua a relevância do objetivo do autor: trata-se de identificar certos procedimentos típicos nas passagens sobre “o que é x” e retirar destes lugares as condições necessárias e suficientes do tipo de definição ideal que os diálogos buscam. No detalhe, porém, Dancy defende interpretações que precisam de mais argumentação (cf. a p. 84 ele está consciente disso) como, por exemplo, sua tese de que a terceira condição de uma boa definição, que ele nomeia “Requerimento de Explicação”, envolve alguma conexão causal entre a definição e suas instâncias. Não está claro de modo algum no texto de Dancy que tipo de causalidade é essa.

A dialética é examinada por Benson, fechando o primeiro bloco. O autor apresenta soluções para resolver os impasses sobre a conexão entre o método dos primeiros diálogos e o dos diálogos médios. Destaca-se o esforço para explicar a continuidade entre “metodologias” de hipóteses presentes em *Mênon*, *Fédon* e *República*.

A segunda parte aborda a epistemologia platônica. G. Matthews assina “a ignorância socrática”, C. Kahn “Platão e a Reminiscência”, D. Modrak “Platão: uma teoria da percepção ou um aceno à sensação?” e M. Ferejohn “O conhecimento e as formas em Platão”. Na terceira parte, dedicada à metafísica, T. Penner escreve sobre “As formas e as ciências em Sócrates e Platão”, M. L. Gill propõe “Problemas para as formas”, C. Freeland “o papel da cosmologia na filosofia de Platão”, D. Sedley “Platão e a Linguagem”, M. White “Platão e a matemática” e M. McPherran “a religião platônica”.

A psicologia de Platão, na quarta parte, traz os ensaios

“os paradoxos socráticos” (Brickhouse e Smith), “A alma platônica” (F. Miller jr.), “Eros e amizade em Platão” (C. D. C. Reeve) e “Platão e o prazer como o bem humano” (G. Santas). Ética, política e estética são contemplados com “a unidade da virtudes”, de D. Devereux, “Platão e a justiça” de D. Keyt, “O conceito de bem em Platão”, de N. White, “Platão e a lei”, de S. S. Meyer e “Platão e as artes”, de C. Janaway. A última parte é consagrada às influências do platonismo na tradição filosófica posterior. C. Shields escreve “Aprendendo sobre Platão com Aristóteles”, A. Long “Platão e a filosofia helenística” e S. Ahbel-Rappe termina o livro com “a influência de Platão na filosofia judaica, cristã e islâmica”.

O livro “Platão”, de Hugh H. Benson e colaboradores, é extremamente útil, tanto para especialistas quanto para estudantes de filosofia. Os primeiros vão gostar de ver seus focos de interesse sendo comentados de modo inteligente e eficaz. Os demais terão no livro uma orientação que lhes permitirá conhecer o modo mais profícuo de se abordar Platão, hoje. Por isso, trata-se de um livro indispensável.